

# SOCIEDADE DE CONTROLE

REIS, L. M. S.\*

## RESUMO

O texto aborda a Sociedade do século XX que Deleuze denominou de Sociedade de Controle. Uma sociedade consumista, com muita pressa, na qual se vende idéias, informações e ilusões, através de um mundo midiático sem fronteiras, sem limites, espalhando, alastrando uma rede de poder e de controle.

**Palavras-chave:** Sociedade de Controle; poder; mundo midiático.

## 1. SOCIEDADE DE CONTROLE

O presente trabalho tem como objetivo abordar de forma sucinta a sociedade de controle característica do século XX, que segundo Foucault veio substituir a sociedade disciplinar dos séculos XVIII e XIX.

Segundo o autor as sociedades e os seus respectivos regimes de visibilidade podem ser divididos em: sociedades de soberania, onde o rei ou senhor exercia o poder, por meio de uma vigilância externa e geral; sociedade disciplinar, na qual as instituições são um dos maiores dispositivos de visibilidade, principalmente com relação ao funcionamento dos operários institucionais; e na 'sociedade de controle' - nomenclatura utilizada por Deleuze, ocorre a implementação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação, ou seja, o exercício do poder à distância,

Os investimentos na produtividade do corpo se aperfeiçoam e acumulam: na Sociedade de soberania castiga-se, na disciplinar busca-se utilidade econômica e docilidade política, na de controle exige-se participação e fluxo

---

\* Mestre pela USS. Professora de Filosofia na FDV.

inteligente. Efeitos inibidores de resistências também não cessam de tráfegar entre o direito de morte, o de deixar viver e o de fazer viver.<sup>1</sup>

A sociedade disciplinar traz como características essenciais à distribuição dos indivíduos em espaços individualizados, classificatórios, combinatórios, isolados, hierarquizados, capazes de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que deles exige. Estabelece uma sujeição do indivíduo ao tempo, com o objetivo de produzir com o máximo de rapidez e eficácia. Investiu-se no corpo são para o Estado, um corpo útil e dócil para qual foi gestada uma biopolítica da população. O indivíduo não cessava de passar de um espaço fechado ao outro: família, escola, fábrica, universidade e eventualmente prisão ou hospital. A vigilância também se expressa como um dos seus instrumentos de disciplinarização, de maneira contínua, perpétua e permanente.

Atualmente, encontramos-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento da sociedade disciplinar e assistimos à instalação de uma sociedade que controla à distância. Desse modo, a crise das instituições modernas representa a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação,

A sociedade de controle deveria ser identificada antes de mais nada com a atual crise das instituições sociais -a crise da família, a crise da fábrica, a crise da prisão etc. A partir do trabalho de Michel Foucault, Deleuze delimitou os espaços em que as lógicas disciplinares de cada instituição se aplicavam: na prisão, em que nós estávamos sujeitos a uma lógica disciplinar -que também nos formou; na fábrica, outra lógica disciplinar; na família, outra; e assim por diante. A isto Foucault chamou de sociedade disciplinar. A crise contemporânea das instituições, entretanto, implica que os muros que previamente delimitavam o espaço social destas instituições estão se desintegrando. Neste processo, as lógicas disciplinares não desapareceram, em vez disso, elas se generalizaram por todo o campo social, não mais no espaço limitado das instituições. Por exemplo, a lógica capitalista do regime da fábrica é exercitada não apenas dentro dos muros da fábrica, mas por toda a sociedade (aumentando nas formas de trabalhos precários ou não-integrais). O mesmo processo de generalização tende a ser verdade para a lógica da prisão, a lógica familiar e outros regimes disciplinares. A sociedade de controle é, portanto, melhor entendida não em oposição à sociedade disciplinar, mas como uma disciplina elevada a um poder mais alto, aumentada exponencialmente por meio de novas formas mais móveis e fluidas.<sup>2</sup>

Portanto a sociedade disciplinar cedeu lugar gradativamente à sociedade de controle, cujo alvo deixou de ser a população e passou a ser o planeta. Ocorre a

---

<sup>1</sup> PASSETI, Edson. Anarquismos e Sociedade de Controle. Cortez Editora, São Paulo, 2003.

<sup>2</sup> HARDT, Michael. Em que manifestações de poder se pode identificar traços do que Deleuze caracterizou como sendo a "Sociedade de Controle"? Matéria publicada na Folha de São Paulo em 2 de junho de 1996.

passagem da era do corpo-espécie para a do corpo-planeta em que a biopolítica da população transmuta-se em ecopolítica planetária. Nesta sociedade, não estamos mais frente a um corpo são (útil e dócil) para o Estado, agora volta-se para o corpo são, útil e participativo.

A produtividade passa a ser programada como forma de acesso à realização da riqueza. Ao lado das tecnologias políticas e da expansão de processos normatizadores com funções reguladoras, aparecem a programação e a simultaneidade.

Os indivíduos passam na sociedade de controle à condição de “divíduos”, como destacou Deleuze, divisíveis aninhados em bancos de dados, perdendo a sua identidade em favor do acesso por meio da senha. Não importam mais os indivíduos e tampouco as massas, estas agora fragmentadas, são absorvidas e ajustam-se à telemática. A televisão, a criadora de telerrealidades conformistas, passa a ser o meio de comunicação mais presente da mídia. Ela educa; entra na escola com vídeos, Internet, filmes telecinados, ensino a distância, enfim aproximando e informando sobre as exigências de uma sociedade de controle que investe em potencialidades, em produtividade virtual,

A Terra continua azul. Ela sempre foi azul. Nós fomos informados pela voz de Yuri Gagarin e depois pelas imagens, via satélite, publicadas nas revistas coloridas. Em breve tempo assistimos pela televisão, ao vivo, à chegada à Lua. Navega-se pelo espaço, constroem-se estações orbitais, instalam-se satélites e senta-se diante da TV ou do monitor do computador para orar pelos deuses midiáticos. A sociedade de controle, que prepondera desde a segunda metade do século XX, ainda é uma sociedade com base numa sociabilidade autoritária, que educa para guerras, medos e supostos direitos. A sua base ainda é a de uma educação que acredita na punição e em supostos direitos universais de igualdade. Precisamos abolir a punição. A Terra é azul.<sup>3</sup>

O núcleo familiar mudou de perfil. Não temos apenas, pai, mãe e filhos. O que conta é a convivência familiar. Vários casamentos, uniões homossexuais, pais separados, concubinato, enfim, uma diversidade de formatos para nova família. A convivência familiar não se define mais pelos limites da casa, se amplia, se renova se refaz até o fim da vida sem espaços determinados.

---

<sup>3</sup> PASSETI, Edson. Anarquismos e Sociedade de Controle. Cortez Editora, São Paulo, 2003.

A preocupação com o “estilo de vida” associa-se a necessidade exacerbada de consumo, “diz-me o que consumes e dir-te-ei quem és” – máxima da atualidade<sup>4</sup>.

Baudrillard ressalta que “o lúdico do consumo tomou progressivamente o lugar do trágico da identidade”<sup>5</sup>.

Outra marca da sociedade de controle é a presença da política de *tolerância zero*; ou seja, não interessa mais a reeducação dos corpos ou mesmo a reintegração dos ladrões, assassinos, criminosos de alta periculosidade. Estes escaparam de todos os equipamentos de formação, destoam dos costumes, provêm de famílias consideradas desestruturadas, são, enfim, pessoas para as quais o investimento social deve ser destinado ao ato de retirá-las, em definitivo, de circulação.

Embora no direito penal não há mais a pena de prisão perpétua, mas sim um limite de anos a serem cumpridos, abdica-se dos investimentos biopsicossociais ao preso para dispô-lo ao jogo de forças físicas em torno da iminência da morte. É preciso tirar os perigosos de circulação em definitivo por meio de mais polícia, mais prisões, mais penalizações e controles a céu aberto,

A prisão tende para a liberdade oficialmente vigiada. Proliferam as penas “substitutivas” – principalmente de prestação de serviços à comunidade – para um número cada vez maior de delitos: o cárcere permanece como última alternativa, dedicadas apenas aos crimes mais graves. Crescem as penas em regime semi-aberto e a reclusão domiciliar, que vigia os horários em que os indivíduos devem estar em um determinado lugar. O indivíduo fica “livre”, porém permanece “oficialmente” vigiado, condicionado a comparecer em lugares e horários pré-estabelecidos para “prestar contas” de suas atividades. Ao mesmo tempo, surgem micropenalidades para pequenas transgressões cotidianas (multa-se, cada vez mais, quase tudo o que se faz), contribuindo para a construção de uma sociedade maximamente intolerante<sup>6</sup>.

Portanto o Estado de bem-estar social cede lugar ao Estado penal. Toda uma estrutura financeira emerge e movimenta-se em torno do controle do crime.

E como pensar a liberdade diante deste contexto?

Neste contexto de despolitização, de massificação de imagem-informação, de consumo desenfreado, de produção de “estilos de vida” à disposição dos

---

<sup>4</sup> CHEVITARESE, Leandro. As “razões” da Pós-Modernidade: um ensaio em Filosofia da Cultura. Departamento de Filosofia de Mestrado, PUC-Rio, 2000.

<sup>5</sup> BAUDRILLARD, 1981. *Apud* CHEVITARESE, Leandro. A questão da liberdade na sociedade de controle, por uma alegoria de Kafka em O Processo. In: Análogos. Anais da IV SAF-PUC. V.III, PUC-Rio, 2004.

<sup>6</sup> CHEVITARESE, Leandro. A questão da liberdade na sociedade de controle, por uma alegoria de Kafka em O Processo. In: Análogos. Anais da IV SAF-PUC. V.III, PUC-Rio, 2004.

consumidores, enfim, de um radical controle tecnológico, que se pode dizer da “liberdade”? Segundo Bauman, “na prática pós-moderna, a liberdade se reduz à opção de consumo”. A condição para tal liberdade é ser um consumidor, e a exclusão do mercado torna-se o próprio “inferno”. Consume-se o espetáculo e cultua-se o espetáculo do consumo: ténue válvula de escape para o sonho da liberdade.<sup>7</sup>

Com muita ousadia lancei mão da música “3ª do Plural” (em anexo) do conjunto Engenheiros do Hawaii para ilustrar o presente trabalho.

Através das palavras soltas, ligadas e interligadas, a música expressa toda a realidade da sociedade de controle.

Uma sociedade consumista, com muita presssa, na qual se vende idéias, informações e ilusões, através de um mundo midiático sem fronteiras, sem limites, espalhando, alastrando uma rede de poder e de controle.

## **ABSTRACT**

The text approaches the society of the Twentieth Century that Deuleuze denominated of control society. A consumerist society, with a lot of hurry, that sells its ideas, information and illusions, through a world controlled by media without borders, without limits, spreading, ballasting a net of power and of control.

**Keywords:** control society; power; world controlled by media.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHEVITARESE, Leandro. A questão da liberdade na sociedade de controle, por uma alegoria de Kafka em O Processo. In: **Análogos**. Anais da IV SAF-PUC.Rio de Janeiro: PUC, 2004. v. 3.

---

<sup>7</sup> Ibidem pág 06

\_\_\_\_\_. **As “razões” da pós-modernidade:** um ensaio em filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia de Mestrado, PUC-Rio, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2004.

HARDT, Michael. Em que manifestações de poder se pode identificar traços do que Deleuze caracterizou como sendo a "Sociedade de Controle"? **Folha de São Paulo**, 2 de jun. 1996.

PASSETI, Edson. **Anarquismos e sociedade de controle.** São Paulo: Cortez, 2003.

3ª do Plural. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/engenheiros-do-hawaii/747530/>>.

## ANEXO

### 3ª do PLURAL

#### Engenheiros do Hawaii

Corrida pra vender cigarro  
Cigarro pra vender remédio  
Remédio para curar a tosse  
Tossir, cuspir, jogar pra fora  
Corrida pra vender os carros  
Pneu, cerveja e gasolina.  
Cabeça pra usar boné  
E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender, eles querem de comprar  
Querem te matar (a sede)... eles querem te sedar  
Quem são eles?  
Quem eles pensam que são?

Corrida contra o relógio  
Silicone contra a gravidade  
Dedo no gatilho velocidade  
Quem mente antes diz a verdade.  
Satisfação garantida  
Obsolescência programada  
Eles ganham a corrida antes mesmo da largada

Eles querem te vender, eles querem te comprar  
Querem te matar (de rir)... querem te fazer chorar  
Quem são eles?  
Quem eles pensam que são?

Vender... comprar... vedar os olhos  
Jogar a rede... contra a parede...  
Querem te deixar com sede  
Não querem te deixar pensar  
Quem são eles?  
Quem eles pensam que são?